



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Adverse Genres in Fernando Pessoa', de Kenneth David Jackson]

Patrícia Soares Martins

Para citar este documento / To cite this document:

Patrícia Soares Martins, "[Recensão crítica a 'Adverse Genres in Fernando Pessoa', de Kenneth David Jackson]", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 258-261.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

(que venera D. Dinis), como o tradutor de prosa cavaleiresca, ou, ainda, o linguista e o esteta, também musical, que, lusitanista de evidente vocação didática, se dedica a várias artes —, num rigoroso estudo integral, ou seja, nas suas múltiplas vertentes, consonante com o «artista total» (I, p. 103) e sensório que analisa, afirmando a *arte poética* daquele.

De salientar, neste âmbito e no segundo volume, a leitura, pouco comum, do mito inesiano, amplamente ancorada na obra de Lopes Vieira e a enunciação de uma idealizada prática cavaleiresca, escorada, entre outros labores do autor analisado, na leitura anotada de obras da (e sobre a) matéria de Bretanha e na tradução e adaptação da obra considerada fundadora do género dos livros de cavalaria: *Amadis de Gaula*. Nesta segunda senda (pressupondo, segundo Lopes Vieira, a autoria portuguesa do texto — teoria ainda hoje inconclusiva), sublinha-se, entre outros aspectos, a «reescrita restitutiva» da obra (II, p. 123), para o público adulto, aproximando tal criação da de Joseph Bédier. A versão amadisiada para o público infantil também é alvo de análise, em separado. No entretanto, destaca-se naquela a *arte amatória* própria do perfeito cavaleiro — tópico de livros de cavalaria, herança transmutada da matéria de Bretanha —, defendida por Lopes Vieira em diferentes textos.

Duas notas finais: a primeira sobre a extensa bibliografia que acompanha o estudo, designadamente incluindo obras cujos autores se serviram da mesma mediação; a segunda sobre o anexo correspondente à edição fac-similada de *Santa Lucia de Muel*, posterior a 1916, curiosa sátira anónima da geração de Lopes Vieira (vol. II).

Em suma, o estudo consiste numa rigorosa, revigorada e atualizada lição que compete ao leitor aproveitar.

Margarida Santos Alpalhão

K. David Jackson

ADVERSE GENRES IN FERNANDO PESSOA

Oxford, Oxford University Press / 2010

Pelo menos até à data da primeira edição do *Livro do Desassossego* — publicação que obrigou a considerar, em Pessoa, uma dimensão fragmentária até então desconhecida ou à qual pouca atenção tinha sido conferida, como observou Jorge de Sena¹ —, foi dominante no âmbito dos estudos pessoanos a questão de se determinar se a heteronímia configurava um sistema, possibilitava uma síntese, possuía um centro (segundo uns, o autor da *Mensagem*, para outros, como alternativa, Caeiro), o que conduzia naturalmente a uma tentativa de estabelecer qual dos heterónimos seria o nuclear, do qual os outros, meros reflexos dessa entidade primeira, procederiam. Num livro publicado no final de 2010, *Adverse Genres in Fernando Pessoa*, o seu autor, Kenneth David Jackson, retoma a fórmula que se generalizou no âmbito dos estudos pessoanos de «drama em gente», propondo que se pense paralelamente num «drama em géneros» e, ao fazê-lo, relança de outra maneira a própria descrição que Pessoa dava de si como um poeta no qual os modos lírico e dramático mutuamente se contaminam em resposta a uma tendência para a despersonalização.

Na perspetiva dos «géneros adversos», as interrogações sobre a autoria, ou sobre a unidade na multiplicidade da obra pessoana, são reformuladas no sentido de se procurar determinar as características da biblioteca de onde procederiam os heterónimos, pois se supõe na obra pessoana uma anterioridade dos géneros e das formas tradicionais usadas que, associadas a conteúdos incompatíveis e temas modernistas, condicionam a própria «personalidade» literária que assina o texto. Convém, entretanto, precisar que a biblioteca

em causa não coincide necessária e fisicamente com a biblioteca realmente existente, apesar de sabermos que Pessoa atribuía determinados livros ou categorias de livros a heterónimos, tendo mesmo assinado alguns deles com esses nomes por si inventados². A biblioteca de Pessoa é «coisa mental»: K. David Jackson observa com graça, no seu livro, que o ideal do poeta de escrever uma «literatura inteira» pode ser visto como uma variação de um tema que Machado de Assis retoma ao evocar um «famoso maníaco ateniense, que supunha que todos os navios entrados no Pireu eram de sua propriedade» (cit. in p. 178). Na introdução a *Adverse Genres*, o autor refere os seus pontos de apoio no âmbito da teoria contemporânea, nomeadamente em trabalhos como os de Vladimir Krysinski, que identificam na literatura ocidental uma corrente de hibridismo, ou a reflexão de Derrida sobre os géneros em *Parages*. Também a referência ao que Morag Harris descreveu como o processo de «canibalização regressiva no tratamento dos géneros» em Samuel Taylor Coleridge, ecoa nos textos de Pessoa, se lidos desta forma.

Encontramos neste livro uma leitura da heteronímia revitalizada à luz de um *vácuo* fundamental: «Pessoa destaca-se entre os escritores do seu tempo que usaram autores múltiplos para estruturar projetos literários abrangentes porque a sua seleção de autores desafia e substitui a centralidade de um único criador responsável, enquanto focaliza toda a tradição literária ocidental no momento presente de composição» (p. 19). É justamente o reconhecimento de que o centro da constelação heteronímica não pode ser encontrado que confere a Pessoa um lugar à parte no conjunto dos escritores modernistas que se exprimiram por intermédio de figuras de alteridade. Ele criou propositadamente um conjunto de autores virtuais que só existem em face uns dos outros, mas cuja virtualidade con-

tamina o todo de que cada um deles necessita para existir enquanto voz individualizada, ou seja, criou um sistema paradoxal, que constantemente «abre» e «fecha» a noção de totalidade. No interior desse sistema paradoxal (ou não-sistema), o «sentido» de cada texto em particular é sempre contaminado pela «inexistência» do autor que resultou da sua fragmentação em individualidades que são como reflexos numa sala de espelhos e que, nas suas respetivas e sempre precárias ou reversíveis posições, evocam as figuras do círculo e do labirinto. Digamos então que a complexidade da enunciação «virtual» pessoana conduz à acentuação dos processos formais de que vive a escrita na qual o recurso aos géneros tradicionais (a ode, o soneto, o poema épico, o drama) propicia os processos de «mistura» e «colagem» de conteúdos ou temas com eles incompatíveis, nomeadamente exprimindo em odes alcaicas ou sáficas um desespero existencial ou uma dúvida de carácter epistemológico de teor inequivocamente modernista. Por isso, mais do que uma reflexão sobre os géneros ou modos literários, a teoria dos «géneros adversos» decorre de um peculiar entendimento da tradição literária, através da ideia de apropriação de géneros vindos de vários períodos estéticos da história do Ocidente, e desafia a nossa compreensão dos textos pelo que nela é uma tensão aberta entre «forma e pensamento, escritor e texto, linguagem e sentido» (p. 15).

Como escreveu Derrida em *La Loi du genre* (1986), a marca que assinala o género é absolutamente necessária e constitutiva do que se chama arte, poesia ou literatura, mas o género está sempre numa relação de suplementaridade com o texto, suprimindo-o sem o complementar, permanecendo sempre no seu exterior. A marca do género é simultaneamente o que confere ao texto um horizonte e aquilo que lhe permite participar de vários géneros, ou

de qualquer outra forma transgredir a lei do género, uma vez que para além de assinalar a conformidade, a marca do género assinala também o ilimitado do texto relativamente às formas padronizadas. A relação do texto com a lei do género é sempre, como se vê, uma relação de duplicidade. Os textos de Pessoa apontam claramente para essa lei do género como se parte da sua arte da composição consistisse em mostrar as costuras do que vai fazendo.

A teoria dos «géneros adversos», de inspiração derridiana, afasta-nos definitivamente do sujeito psicológico na sua formulação romântica e das noções de individualidade e de génio e aproxima-nos dos aspectos teóricos relacionados com a memória literária. Aproxima-nos também de Pessoa que escreveu, nomeadamente em *Heróstrato*, que aquilo a que também ele chama «génio» é algo de parecido com a experiência da inspiração entendida no sentido de despersonalização e de alterização — «Not a light that rises into a flame, but a log that is kindled with an outer light that becomes its own — this is inspiration.»³

Como tem sido amplamente notado, o sujeito moderno escolhe passados e futuros num único movimento, que Helena Buescu, pensando em Cesário e retomando a descrição por Gumbrecht de «cascatas de modernidade», aproximou da figura da cristalização, tendo em conta, nomeadamente, tudo o que o cristal possui de precário (porque sempre ameaçado pelo regresso ao estado líquido anterior a partir do qual se solidifica) e de fixo, pois partilha com a imagem poética a sugestão de suspensão temporal⁴. Na linha desta conceção da modernidade, na qual o passado é constantemente reconfigurado num presente que o apresenta também como um legado, as linhas de leitura abertas pela teoria dos «géneros adversos» têm o mérito de nos afastar da noção de «obra» que Pessoa e

outros contemporâneos questionavam, e de nos aproximar de textos com os quais Pessoa dialogou, convertendo a sua memória do passado artístico numa fonte de inspiração: *O Marinheiro*, de *Pelléas et Mélisandre* de Maeterlinck; «A Very Original Dinner» de Alexander Search (de que se publica neste livro, pela primeira vez, o original em inglês), dos contos de Poe; Caeiro, da tradição dos poetas metafísicos ingleses — nomeadamente os que escreveram no género da pastoral, como Marvell ou Sir Phillippe Sidney; a *Mensagem*, d'Os *Lusíadas* e da poesia e oratória barrocas; o *Livro do Dessassossego*, do *Journal Intime* de Amiel; e Álvaro de Campos, de Whitman, mas também de Coleridge, se tivermos em conta, como afirma Jackson, que Campos é o «autor» de uma espécie de «biografia literária» de Pessoa.

As leituras que o autor empreende de alguns dos mais representativos textos de Pessoa mostram que o passado literário — através do diálogo dos heterónimos com textos e autores representativos, como os acima mencionados — comparece na forma paródica de uma confrontação estilística e de uma recodificação moderna. Utilizo aqui a noção de paródia numa aceção na qual ela «nada tem em comum com uma imitação ridicularizadora, tratando-se sim de uma forma de imitação caracterizada pela inversão irónica, nem sempre às custas do texto parodiado»⁵, entendida como um sintoma e uma ferramenta crítica do epistema modernista. A aproximação que aqui empreendo entre a teoria dos «géneros adversos» e a contemporânea teoria da paródia persegue dois objetivos: 1) situar a primeira no interior de uma genealogia de textos que inclui a valorização, por Eliot, do sentido histórico (no seu conhecido ensaio «A Tradição e o Talento Individual») e a valorização da noção de «texto» pelos formalistas, o *New Criticism*, o estruturalismo e, por exemplo, as

teorias de Barthes e Kristeva, no âmbito do chamado pós-estruturalismo; 2) quando a influência é frequentemente vista como causa de ansiedade, a paródia, que «é um modo de chegar a acordo com os textos desse rico e temível legado do passado»⁶, parece-nos representar uma dimensão irónica de escrita-leitura que nos esclarece sobre o subtil modo que foi o de Pessoa, de desfamiliarizar o nosso próprio entendimento dos géneros e de controlar a sua própria ansiedade no confronto com autores da estatura de Homero, de Camões, ou de Goethe.

Manuel Gusmão, no seu livro *O Poema Impossível, o «Fausto» de Pessoa* (1985), notara já que as dificuldades sentidas por Pessoa na redação do *Fausto* decorriam, em grande parte, de o sistema de géneros em vigor no romantismo ter deixado de funcionar. Uma leitura de Pessoa nesta nova perspectiva parece confirmar aquela sua opinião: não se tratava, para Pessoa, de imitar, nem de inventar novos géneros (como os românticos fizeram, criando, por exemplo, o melodrama), mas de se apropriar de géneros e estilos preexistentes, criando os seus textos a partir de uma disponibilidade prévia da literatura entendida em sentido material (ou enquanto materialidade). K. David Jackson prefere a palavra «adverso» à palavra «antagonista» justamente porque, segundo pensa, não se trata no caso de Pessoa de criar novas formas que confrontem as anteriores. Pessoa é um autor moderno, escreve, porque «é dentro de cada género que se efetua uma mudança de gesto, de estilo e de expressão que altera o seu carácter, o seu conteúdo e a sua relação com o autor» (p. 17).

Para concluir, observe-se que a perspectiva adotada em *Adverse Genres* situa Fernando Pessoa no imenso caudal da arte moderna que nos permite perceber «a transformação possível dos «conteúdos» do sistema literário num imenso *ready-*

made»⁷ deixando claro, uma vez mais, que o poeta pretendia modificar os nossos antecedentes literários sem no entanto os dispensar (nisso divergindo da vanguarda futurista). Haveria então espaço para levarmos a sério esse *ismo* que nunca o foi verdadeiramente, o sensacionismo, do qual tentou aproximar o projeto do *Orpheu*, mas que era já, parece-nos hoje claro, uma teoria da heteronímia e, acrescente-se agora, uma nova poética dos géneros.

Patrícia Soares Martins

NOTAS

- ¹ Cf. «Inédito de Jorge de Sena sobre o *Livro do Desassossego*», in *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima (Estudos Coligidos 1940-1978)*, Lisboa, Edições 70, 1982, vol. ?
- ² Sobre a biblioteca de Pessoa, cf. Patrício Ferrari, «A Biblioteca de Pessoa na Génese dos Heterónimos», in Jerónimo Pizarro (org.), *Fernando Pessoa: o Guardador de Papéis*, Lisboa, Texto Editores, 2009.
- ³ Fernando Pessoa, *Heróstrato*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p. 136.
- ⁴ Helena Carvalhão Buescu, *Chiaroscuro. Modernidade e Literatura*, Porto, Campo das Letras, 2001.
- ⁵ Linda Hutcheon, *Uma Teoria da Paródia* [1985], Lisboa, Edições 70, 1989, p. 17.
- ⁶ Idem, *ibid.*, p. 15.
- ⁷ Américo António Lindeza Diogo, *Modernismo, Readymade. Notícias das Trincheiras*, Pontevedra/Braga, Cadernos do Povo, 1997, p. 94.

Aníbal Frias

FERNANDO PESSOA ET LE QUINT-EMPIRE DE L'AMOUR QUÊTE DU DÉSIR ET ALTER-SEXUALITÉ

Prefácio de Robert Bréchon

Paris, Éditions Petra / 2011

Como assinala Robert Bréchon, estudioso, tradutor e divulgador da obra de Fernando Pessoa em França, no prefácio ao livro de Aníbal Frias, «das centenas de livros publicados sobre a sua obra, que